

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SÉCULO

N.º 699

MEMÓRIAS do GIGANTE ARRANHA-CÉUS

(Continuado do número anterior)

Sabendo já manejar uma espingarda, com que me haviam presenteado os brancos na hora dolorosa da partida, para que eu me pudesse defender do ataque das feras, dispus-me a atravessar toda a selva, ao encontro do mundo civilizado. E com que emoção profunda desci, brusca-mente, da alta ramada, onde estava chorando as saudades de Clara, beije as folhas verdes e os ninhos que a enfeitavam sob a luz doirada, e disse adeus para sempre àquele cenário lindo, a-pesar-de selvagem. Mal puz no solo os pés, disposto a fugir, vi, a alguns metros em frente, a majestosa presença dum leão que, de juba erguida, parecia repreender-me pela minha ousadia de abandonar o seu Reino. Puz a arma à cara, puxei pela primeira vez ao gatilho e vi-o tombar inanimado. Dei uma tal gargalhada que, assustando-as, puz em revoada as aves, em fuga para longe, e, sentindo-me intangível, desatei a correr...



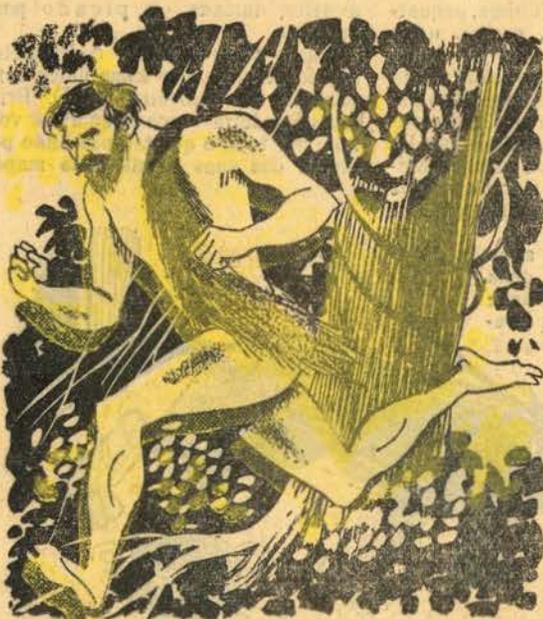
Durante um dia e uma noite, corri através da selva e, ao romper da manhã do dia imediato, avistei, ao longe, o mar que eu nunca tinha visto. Já distante da selva, pisando a areia duma árida planície, continuei correndo e, à medida que me aproximava, fui divisando, pouco a pouco, o contorno bizarro duma importante doca, onde estava atracado um enorme paquete.

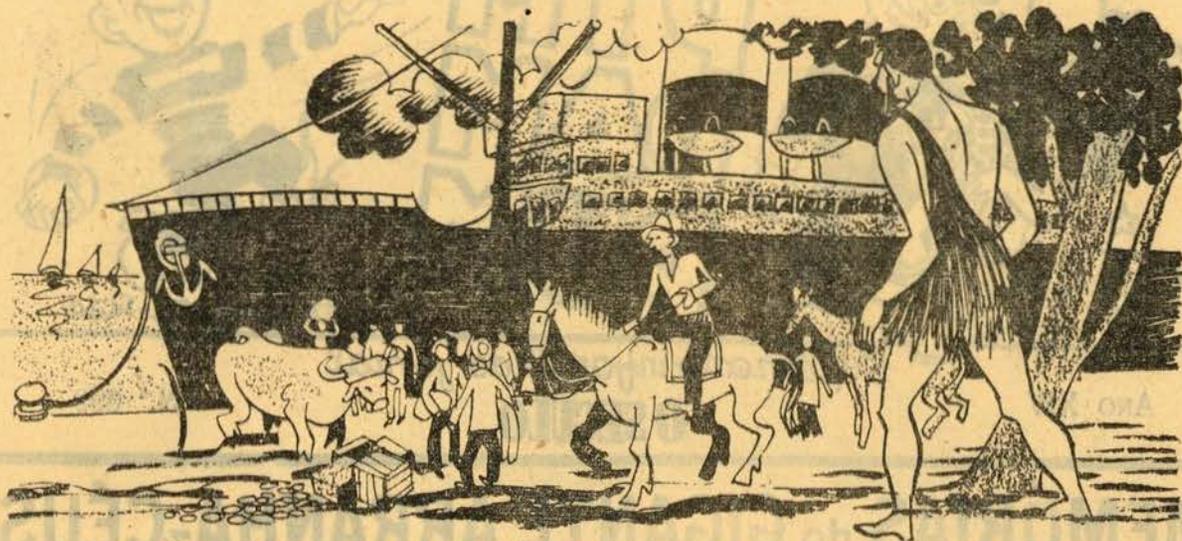
Muitos brancos e alguns negros, entre um aglomerado de animais diversos, principalmente bois e cavalos, transpunham o cais e iam entrando no barco. Ao surgir no meio deles, todos os presentes se voltaram para mim, surpreendidos em face da minha invulgar estatura e do meu traje tão rudimentar, constituído apenas pelas peles curtidas dos animais ferozes, mortos em plena selva. Um dos circunstantes trocou comigo algumas palavras e, ao ficar inteirado da história da minha vida, propôs-me levar-me consigo para esse estranho mundo que eu tanto ansiava conhecer, proposta que, escusado será dizer, entusiasticamente aceitei.

II CAPÍTULO

EM PLENO OCEANO

No convés do grande paquete, a forte impressão que me causou o mar, habituado como estava ao cenário antagónico da selva, torna-se intraduzível. Rodeado por todos os passageiros e tripulação do paquete, entre as exclamações e o pasmo dos ouvintes, o relato da minha existência, tão acidentada, causava um grande sucesso. O meu protector, aquele que me convidara a acompanhá-lo, pagando-me a viagem, era o empregário dum grande circo ambulante que, de regresso à Europa, se dispunha a prosseguir na sua missão de apresentar, ao seu público, artistas e fenómenos. Na intenção de me incluir nesta última ca-





tegoria, convidou-me a aceitar um contrato para, durante um ano, me exibir no seu circo.

Assinado o contrato, a meu rogo por não saber escrever, no próprio convés do barco, foi aberta uma garrafa de vinho do Porto, que me fez recordar, com infinita saudade, idêntica cena, passada na palhoça, entre os brancos da expedição, a-fim-de festejar o imprevisto acontecimento. O meu empregário, durante a viagem, tornara-se um bom amigo, dispondo-se a ensinar-me a ler e a escrever, com grande aproveitamento meu, pois quando o

barco atracou no término da viagem, já eu soletrava menos mal. O que faz a força da vontade! Aprendera a falar em pouco tempo e já quasi que lia correntemente.

Ao fim de vinte dias, o barco chegava ao seu destino: um grande porto francês e começou o desembarque. Ao lado do meu empregário, mal puz os pés em terra firme, vi-me seguido por uma multidão, curiosa, que comentava a desproporção que havia entre nós.

(Continua no próximo número)

PORQUE ERA MAU O «RIGOLETO»

POR ISOLDINA

NÃO se trata daquela ópera de Verdi, cujas árias os meus meninos terão ouvido muitas vezes no vosso aparelho de rádio. O «Rigoletto» é um cão preto e barbudo, pertencente a dois meninos, chamados, respectivamente, Henrique e Rogério, e ao qual o último, que é o mais travesso, dos dois, fazia tratos de polé.

Ora o «Rigoletto» vivia no quintal, sempre prêsó, junto da sua casota, e era mau como uma fera. Se algum pobre gatinho passava, confiante ou descuidado, ao alcance das suas garras, — zás!... — era logo um gato mastigado num volver de queixadas. Não podia vêr fôsse quem fôsse estranho, perto da casa ou nos quintais vizinhos, pois ficava tão furioso que rebentaria a corrente, se ela não fôsse bem sólida, lançando-se para a frente, como louco varrido. Como não podia lá chegar, vingava-se em rasgar tudo o que se achasse ao seu alcance. Na falta de roupa para esfarrapar, qualquer cavaco servia, para cevar suas iras; e, então, ferrava-lhe os dentes, sacudindo-o com fúria insana, como fera raivosa. Num quintal vizinho habi-

tavam três cadelas: a Nóia, a Belkisse e a Nucha. Esta última, pequerruchinha e azogada, como uma criança travessa, quando já estava farta de maçar as companheiras — já um pouco maduras — com as suas garotices, lembrava-se de arrelhar o «Rigoletto», fazendo-lhe de lá tagatés e ladrando com a sua voz mais esganiçada, o que punha à flor da pele os nervos do pobre vizinho, impotente na sua prisão.

Ele, furibundo, em acessos de cólera mal reprimida, dizia lá no seu idioma canino: — «Anda, anda, minha atre-

vidita que, se eu te apanhasse a jeito, fazia-te em picado para pasteis.»

Mas, — coisa curiosa — o «Rigoletto» não fazia mal algum à sua única companheira de cativoiro — a D. Brilhanja Poedeira — que circulava à vontade por todo o quintal, passando por diante das suas formidáveis mandí-





O CESTINHO DA COSTURA



SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

Temos, hoje, muito por onde variar. Não faltam engraçados motivos para vos lançar na maior indecisão

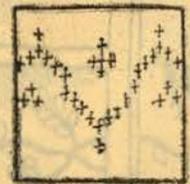
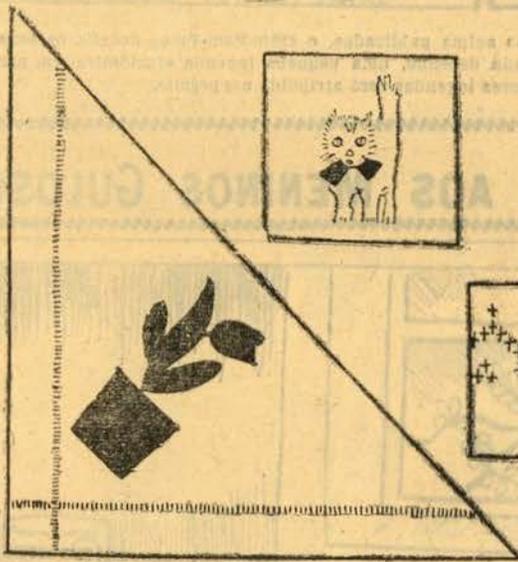
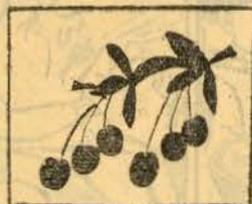
Qual escolher?
Na toalha de chá, temos a amostra de um canto enfeitado com um vasinho. Cada canto leva, portanto, o seu vasinho e ainda colocaremos outro ao meio de cada lado. São feitos com tecido aplicado e bordados a recorte. As folhas são tôdas verdes. Os vasos e as duas florinhas é que devem ser, cada um, em côr diferente.

Os outros motivos vão ficar lindamente nos vossos fatinhos de verão. É, portanto, conveniente pôr mãos à obra e torná-los garridos!

Nêste modelo vêem bem como as cerejinhas podem ser aplicadas. Quanto a côres, escusado será dizer-vos que se aplicam o verde e o encarnado.

O gato assanhado e a barrinha em ponto cruz, poderão da mesma forma fazer um figurão!

Para os vossos maninhos pequenos, também hoje vos arranjou um modelo, da mais alta elegância, a vossa amiguinha



ABELHA-MESTRA

bulas e pondo em sossêgo os seus ovos, sem que êle esboçasse, sequer, um gesto menos delicado para a *pe-nosa* dama.

Os meninos é que não saberão porque, sendo o «Rigoletto» assim tão man, não fazia mal à galinha.

É que êle vivia ali, só e triste, cumprindo a sua missão de guarda da casa, enquanto que as suas três vizinhas só trabalhavam em tempo de caça, ficando o resto do tempo à boa-vida. Durante as férias o seu dono levava-as a passear; banhavam-se no rio, entregavam-se aos desportos, tais como: — natação, saltos de obstáculos, pedestrianismo, etc. recolhendo à sua casa, fartas de brincar, onde as esperava uma cama fôfa de palha nova. É que o pobre animal comparava o seu viver solitário com a vida feliz daquelas damas da sua espécie e interrogava-se: — «Valerão elas



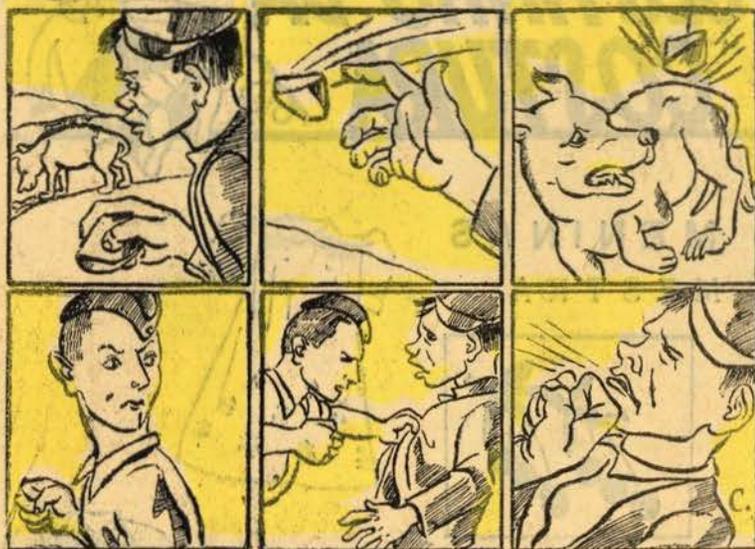
mais do que eu? Porque serei eu mais infeliz do que elas?» e detestava todo o ser livre, por se vêr privado da liberdade.

Em certa noite, os gatunos assaltaram o quintal vizinho. A Nôia, a Belkisse e a Nucha, entregues ao seu descuidado ripanço, mal deram por êles; mas a voz formidável do «Rigoletto» pô-los em fuga. Os donos das três animadas cadelas, mimosearam-no, no dia seguinte, com duas boas torradas com manteiga. Todos os dias presenteiam o animal com êste petisco e nos seus olhos, onde passa um lampejo de bondade, vêem que êle, no fundo, é bom, e que foi a injustiça do Destino que o tornou mau.

Quantas pessoas más seriam boas se fôsseem felizes...

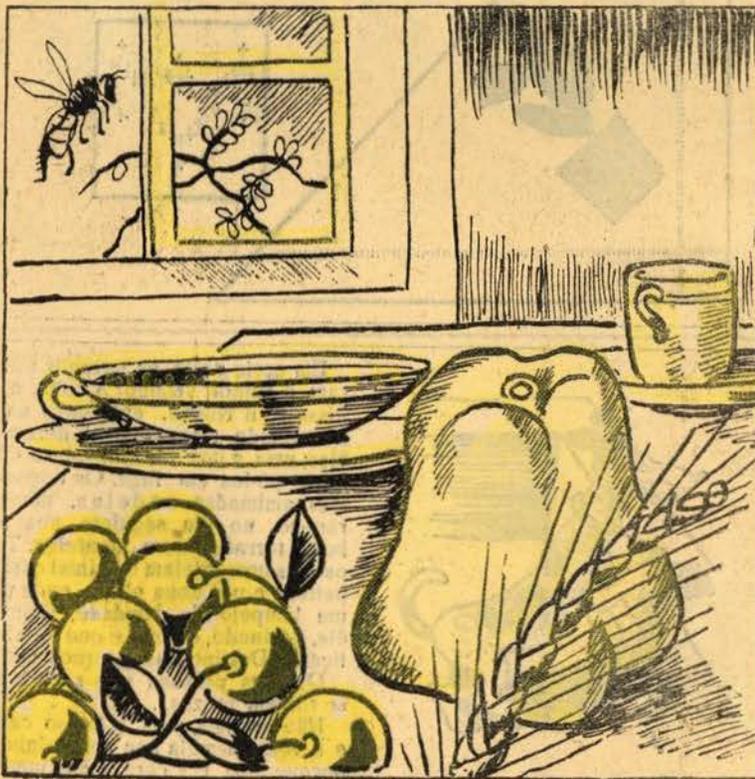
Não negueis, pois, o vosso carinho e a vossa esmola aos pòbrezinhos, só porque têm má cara, meus meninos, que Deus, no céu, vos agradecerá.

HISTORIA MUDA



Em face dos desenhos acima publicados, o «Pim-Pam-Pum» desafia os seus amigos a pôrem, sob cada desenho, uma pequena legenda elucidativa, em prosa ou verso. Ao autor das melhores legendas será atribuído um prémio.

PREGUNTA AOS MENINOS GULOSOS



Meus meninos:— Digam-nos quais as bebidas e comidas que se podem preparar com os deliciosos produtos que estão à vista.

ZÉ ZINHO DORMINHOCO

por FRANCISCO VENTURA

Zézinho, menino esperto,
Que sabe sempre a lição,
Conseguindo, muitas vezes
A nota de distinção;

Que nunca desobedece
A seu pai e a sua mãe;
Que nunca ri dos velhinhos
E aos póbrezinhos faz bem;



Tem um defeito, só um,
Muito grande e muito feio,
Não tendo sido possível
Tirar-lho por nenhum meio.

Êste defeito, afinal,
É ser muito dorminhoco,
Em achar, p'ra estar na cama,
Todo o tempo sempre pouco.

Todos os dias a mãe,
A tia, a avó, mais a ama
Passam horas a chamá-lo,
Sem que êle saia da cama.

Há dias — querem saber
O que lá aconteceu? —
Foram às oito chamá-lo
E nem assim respondeu.

Bateram com força à porta
E então, com voz ensonada,
— «Quem é?» perguntou Zézinho.
— «São horas!»... diz a criada.

— «Quantas?» — «Oito.» — Quê, já
oito?

— «Falta um minuto sòmente.»

— «Então durmo êsse minuto...»

E adormeceu novamente.

O QUE ESTÃO ÊLES OUVINDO!...



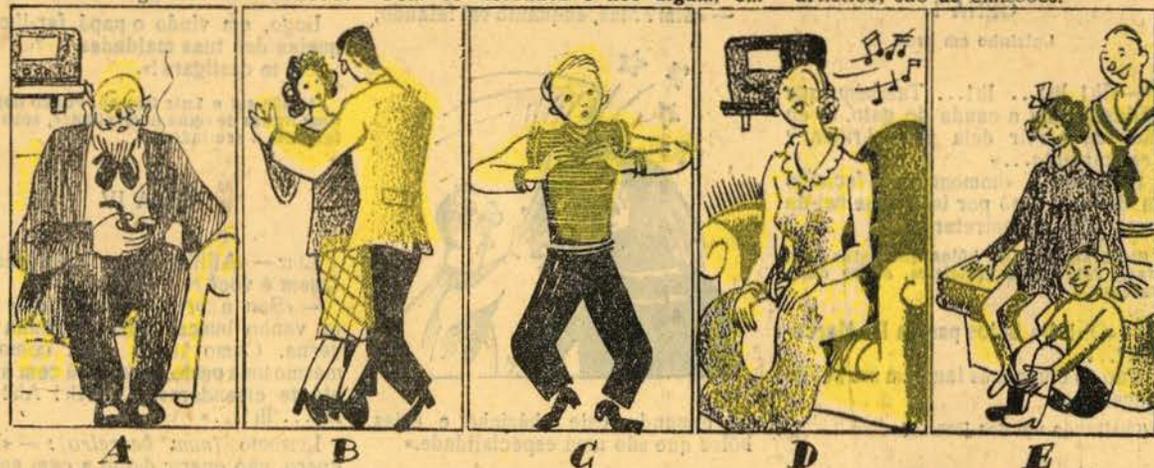
Eis aqui, meus amiguinhos, um entretenimento, que temos grande satisfação de vos oferecer. À noitinha, uma meia hora antes de irdes fazer o vosso soninho reparador, ou no intervalo dos vossos estudos, podeis decifrar êste engraçado problema, que nos foi sugerido no momento em que estavamos ouvindo uma emissão radiofônica, junto do nosso desenhador, o vosso amiguinho Arcindo. Consiste no seguinte: Os bonecos

acima e abaixo publicados, e que o Arcindo desenhou expressamente para vocês, representam flagrantes reproduções dos estúdios da Rádio e de aspectos íntimos de alguns auditores. Assim, os desenhos numerados de 1 a 5, representam figuras actuando aos microfones da Rádio. Os que estão indicados com as letras A a E representam auditores.

O que vos pedimos é que observem bem os desenhos e nos digam, em

face da idade dos auditores, das suas expressões e das reacções provocadas, o que êles estão ouvindo. Deveis, certamente, deduzir que o avôzinho não está ouvindo os palhaços e que o rapazinho não escuta a conferência.

Digam-nos, mais, a que desenhos de cima correspondem os desenhos de baixo e, a avaliar pelas suas atitudes, de que género, literário ou artístico, são as emissões.



NA AULA DE ZOOLOGIA

—«Ora vamos a ver. O menino sabe dizer-me a que família pertence a baleia?»

—«A baleia?! Eu não conheço ninguém que tenha alguma na família.»



ANEDOTA

QUE DESCARAMENTO!

—«Ó Rosa! Porque razão, sempre que entro na cozinha, a encontro a ler?»

—«Eu cá não sei, minha senhora. Provavelmente é por causa dos sapatos de borracha que a senhora usa...»



O TEATRO do PIM-PAM-PUM

A MORTE DAS MALDADES

PEÇA PARA O TEATRO DOS FANTOCHES

Por TAVARES PINTO

Mãe — «Não mintas que é pior. Sei perfeitamente que foste tu.»

(Ouve-se o mlar aflitivo dum gato, seguidamente, pouco depois, pelo chocallar de latas velhas.)
(Vozes de personagens invisíveis.)

— «Seu maroto! Que mal lhe fez o pobre bichano? Tão seu amigo que nem sequer o arranha, a-pesar das tropelias que lhe faz. Gire, imediatamente, lá para cima, pois já não assiste ao chá que ofereço logo à D. Marcolina.»

— «Ih! Ih!... Mas... mãezinha...»
— «Pronto, já lhe disse, nem mais um pio!»

CENA I

Luzinho em cena

— «Ih! Ih!... Ih!... Também, que utilidade tem a cauda do gato, se eu não me servir dela para brincar? Francamente...»

E põem um «homem» aqui fechado na despensa, só por isto. Que hei-de fazer para me entreter?»

(Reparando nuns bôlos que estão num prato, sobre uma prateleira, ao pé duns frascos.)

— «Oh! Os bôlos para a D. Marcolina!... Não os cômoo mas também me hei-de vingar...»

(Cheirando um dos frascos)



— «Atchim! É pimenta e da forte!»

(Polvilha os doces com ela e afasta-se muito inocentemente.)

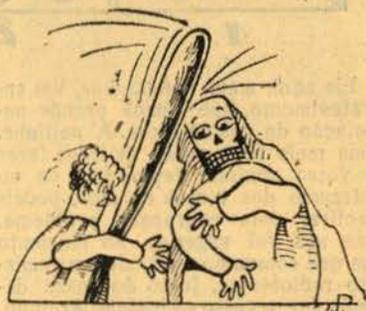
CENA II

A mamã de Luzinho entra, vai buscar o prato dos bôlos e sai.
(Novamente vozes de personagens invisíveis.)

— «Ora viva a D. Marcolina. Como tem passado? Boazinha?»

— «Bem, muito obrigada. Sabe? Traço-lhe hoje algumas novidades, que vai gostar de ouvir.»

— «Sim? Mas, enquanto vai falando,



Logo, em vindo o papá, far-lhe-hei queixa das tuas maldades. Ele te castigará!».

(A mãe sai e Luzinho fica só. Pouco depois, uma figura de velha horríplante, sobe lentamente a seu lado.)

CENA IV

Luz — «Aiiiiiii, Jesus! Que medo!!! Quem é você?»

— «Sou a bruxa «Furibúndia» que te venho buscar para a minha caverna. Como tu és mau, como és mesmo uma peste, estarás lá cem anos, até te emendares. Ah! Ah! Ah! Ih! Ih!... Ih!...»

Luzinho (num berreiro): — «Não quero, não quero; daqui a cem anos a minha mamã e o meu papá terão já morrido e eu fico só mundo! Ih! Iiiiih! Larga-me! Eu emendo-me, não volto a ser mau! Deixa-me, socorro! Papá! Mamã!!!»

(A bruxa «Furibúndia» começa a arrastar o pequenito que se debate, dando socos, quando uma nova figura, cheia de autoridade, aparece, tocando com a sua varinha na bruxa e fazendo-a desaparecer.)

CENA V

— «Soa a fada «Benvinda». Ouvi os teus apêlos e salvei-te, porque protestaste que te emendarias. Terás que vencer tôdas as más qualidades que tens; quando não deixar-te-hei levar, de vez pela bruxa «Furibúndia».



vá tomando este cházinho e estes bôlos que são uma especialidade.»

(Pequena pausa)

— Socorro! Socôôôorro! Fôgo... fôgo!

— «Ai! Ai! Ai! Tenho a bôca a arder!»

— «Que foi, D. Marcolina?»

— «Os bôlos cheios de pimenta.

E dizia a senhora que eram uma especialidade! Ai! Ai!...»

— «Hum! Hum! Estou percebendo tudo.»

CENA III

Luzinho e a mãe

Mãe — «Luzinho, quem deitou pimenta nos bôlos?»

Luz — «Pimenta? Eu... eu... eu cá não sei!»

Será uma luta formidável, pois sei que os teus defeitos podem quasi tanto como a tua vontade.

Mas o prémio que te ofereço merece esse sacrificio: viverás feliz. Teus pais gostarão mais de ti, o Tareco não fugirá, todos te estimarão... Tenta, pois!

(A fada desaparece e, em seu lugar, surge uma outra figura, de aspecto repulente.)

CENA VI

LUIZINHO, aterrorizado—Quem és tu?

A MENTIRA:—Sou a «Mentira»! A «Mentira» que trazes dentro de ti e que te há-de vencer — Uh! Uh! Tu não tens força!

LUIZINHO:— «Hei-de vencer-te com a minha força de vontade.»

(Trava-se luta entre Luizinho e a «Mentira». A pesar desta vir armada com um cacete, é desarmada pelo pequenito que lhe dá com êle tarela tamanha que a mata.)

LUIZINHO, entusiasmado:

— «Outra que venha! Outra má qualidade que apareça! Darei cabo dela num momento!

CENA VII

Luizinho e um fantasma

O fantasma em voz cavernosa:

— «Sou o «Espírito da Malvadez» que, há momentos, utilizaste, quando

maltrataste o Tareco e estragaste os bôlos.»

LUIZINHO:— «Vamos a ver se és mais forte do que eu.»

(Trava-se nova batalha, em que a «Malvadez» é vencida em poucos minutos),

LUIZINHO:— «E agora? Que mais?...»

CENA VIII

Luizinho e novamente a fada Benvinda

A FADA:— «Vejo que tens a força de vontade suficiente para venceres os teus deieitos, Mataste os dois principais; os outros irão morrendo a pouco e pouco. Ganhaste o prémio, que consistia em poderes viver, outra vez, com teus pais. Sê feliz!»

CENA IX

Luizinho e a mamã

MAMÃ — «Que foi isto? Pareceu-me ouvir aqui barulho.»

LUIZINHO, correndo para ela:— «Não foi nada, mãezinha. Ouve... Queria pedir-te perdão de tôdas as minhas maldades, e juro-te que nunca mais farei nada que te magôe.»

A MÃE, comovido:— Prometes-me isso, filhinho? E não te arrependrás?»

— «Arrepende-me? Se «elas» estão tôdas mortas!»

— «Bem! Então, perdôo-te e já não me queixo a teu pai. Dá cá um beijo.»

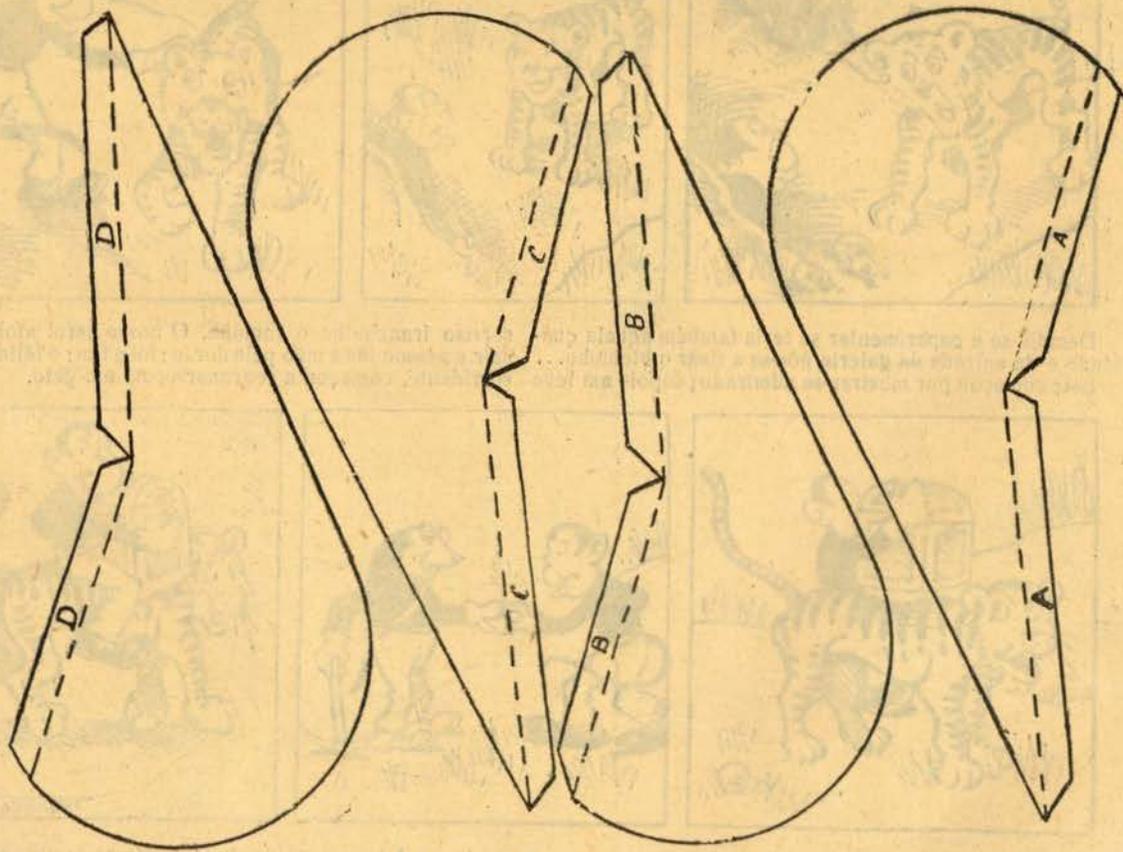
(Nota: As cenas mais interessantes dos fautoches são as de pancadaria, que devem, pois, ser muito bem aproveitadas.)

NO PRÓXIMO NUMERO:

Uma sorte de prestidigitação

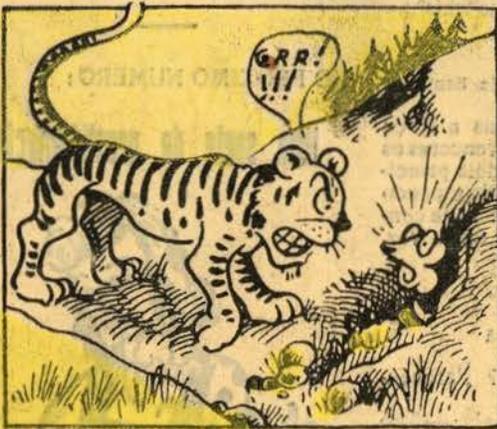


A
B
A
L
A
D
O
D
R.
S
A
B
Ã
O



Contorne prometemos, publicamos hoje o complemento da construção para armar A Bala do «Dr. Sabão» que, por falta de espaço, não poudeser incluída no nosso penúltimo número e que os nossos amiguinhos devem colorir da mesma cor em que saiu a construção.

GRANDES AVENTURAS DE ■ ■ ■ ■ CHICO MACACO EM AFRICA



Quando o conde de Terras-Debaixo, o ilustre D. Beltrão Toupeira, acabou de abrir a galeria, a primeira coisa que viu foi o focinho escamadíssimo do tigre, vítima inocente da pedrada do Conde.

Este tratou de avisar o Chico Macaco que, como se calcula, não ficou muito contente. Depois de matutar na maneira de se livrar do tigre, lembrou-se que tinha na família um gorila que era hipnotizador.



Decidiu-se a experimentar se teria também aquela qualidade e da entrada da galeria pôs-se a fixar o bichinho... Este começou por mostrar-se admirado; depois um leve

sorriso franziu-lhe o focinho. O nosso herói afoitou-se a sair e passou-lhe a mão pelo dorso; foi o fim: o felino, muito sorridente, começou a ronronar como um gato.



Chico Macaco teve uma ideia genial: — foi buscar a arca do tesouro; em seguida, despediu-se, do seu salvador D. Beltrão Toupeira, protestando uma amizade eterna. Montou no tigre que, pela mansidão, mais parecia um burro, e seguiu

em busca dalguma cidade, donde pudesse partir para o seu amado Portugal.

(Conclui no próximo número)